

/// Compartilhar do mesmo espaço físico não significa mais compartilhar da mesma experiência

Meio ambiente virtual

Entre as funções sociais urbanísticas de uma cidade, estão a habitação, o trabalho, a circulação e recreação. Essas duas últimas vêm ocupando um justificado destaque no debate sobre a qualidade de vida da metrópole capixaba. Em recente artigo publicado em A GAZETA (21/02/2016), o professor Arlindo Villaschi propunha políticas no sentido de ampliar e renovar espaços públicos que facilitem o con-

vívio social, a circulação de pessoas e as suas relações com a paisagem natural e construída.

A “cidade pós-moderna digital”, entretanto, que se comunica e se organiza em redes, não se limita mais ao espaço-físico territorial, exige que esses espaços estejam integrados ao que poderíamos chamar de espaço ou “meio ambiente virtual”, surgindo daí uma nova espécie de função social da cidade:

a “inclusão digital” ou “internet livre”.

A relação entre espaço público e convívio social torna-se, deste modo, enfraquecida, na medida em que é cada vez mais comum ruas e praças lotadas de pessoas usando seus celulares alheias à presença dos outros e à própria paisagem. Compartilhar o mesmo espaço físico não significa mais compartilhar da mesma experiência. Há, inclusive, uma propaganda de uma grande empresa de telefonia chamando a atenção para o novo fenômeno!

Duas pesquisas recentes revelaram que o brasileiro vive uma realidade de hiperconexão. A pesquisa “Think with Google 2014” mostrou que 45% dos jovens brasileiros entre 16 e 34

anos possuem smartphones. Outra pesquisa, a “Digital in 2016” (citada aqui em A GAZETA, em 12/03/2016), revelou que o brasileiro gasta 3,9 horas diárias conectados à web por tablets e smartphones, sendo 3,3 horas nas chamadas redes sociais.

Um artigo sobre comportamento que li recentemente dizia que, para a novíssima geração, este “convívio virtual” é tão natural quanto um bate-papo na calçada. Como sou da geração do “Clube da Esquina”, aquele que nos deixou belíssimas canções, surgidas de conversa, rua e violão, continuo acreditando no argumento do admirado professor pelos espaços de convívio e contemplação, afinal, a cidade deve ou não ser o “espaço do encontro”?